

Política econômica gera atritos entre líderes do PMDB e PFL

por Francisca Stella Fagó
de Brasília

Uma dura troca de acusações travada ontem entre o líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, e o vice-líder do PMDB na Câmara, deputado João Herrmann, deixou aparentes posições inconciliáveis dentro da Aliança Democrática.

Na quarta-feira, José Lourenço combateu violentamente no plenário da Constituinte qualquer forma de suspensão do pagamento da dívida externa.

Ontem, o deputado João Herrmann expôs ao presidente José Sarney a sua interpretação do discurso. Para ele, o líder do PFL deixou claro que o seu partido está servindo a dois senhores. "Recebeu o discurso em inglês e leu em português", como afirmou.

As divergências entre o PMDB e o PFL, segundo Herrmann, atendem aos interesses das multinacionais, dos banqueiros e dos latifundiários, cujos privilégios começaram a ser desmontados no governo Sarney. O discurso de José Lourenço contribuiu para acenar essas divergências.

Informado sobre os termos das declarações de Herrmann, José Lourenço defendeu-se, dizendo que, ao fazer o discurso, não tinha ainda conhecimento das medidas que estavam sendo cogitadas pelo governo quanto à dívida externa. E que, ao contrário de Herrmann, sempre deu irrestrito apoio ao presidente Sarney. "Continuarei dando apoio, mas diretamente ao presidente. O PMDB, afirmou, quebrou o País, queimando US\$ 5 bilhões de reservas cambiais, e não deve agora decidir sozinho.

Mas o rompimento entre o PMDB e o PFL não está decidido, garantiu ao repórter Sérgio Garschagen o líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli. "A posi-



José Lourenço

ção do partido tem de sair das bases", disse. Chiarelli pretende convocar para o próximo mês uma reunião dos diretorios e para abril uma convenção nacional do partido para a discussão conjunta do assunto.

A julgar pela avaliação do presidente em exercício do PFL, deputado Maurício Campos, diferentes correntes dentro do partido estão cada vez mais cristalizadas. Existem, segundo ele, membros do partido que defendem desde o rompimento imediato com o PMDB até os que defendem a conciliação; mas, no conjunto, todos querem maior participação no governo. Maurício Campos teve o cuidado de explicar que maior participação no governo não significa maior número de cargos.

Um importante membro do partido, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, porém, acredita que significa maior número de cargos. O PFL, disse ao repórter Sérgio Garschagen, precisa assumir mais encargos e mais cargos no governo.

Mas a discussão sobre a ruptura com o PMDB, na avaliação do ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, decorre apenas da dificuldade natural de um regime em que o governo é apoiado por coalização.